

venaria. A outra seria apenas fechada com uma grade ou cancella, cuja chave estaria em mão segura para o acaso de alguma visita ás venerandas ruínas. Um dos muitos reformados que ha por esse país podia ser o guarda do castello.

Como quer que seja, o que não se póde nem deve consentir sem protesto é deixar destruir, assim, estupidamente, um dos mais curiosos monumentos do nosso país e que se ergue, de mais a mais, numa terra que tem o seu nome ligado á Convenção de 1834, que pôs termo ás lutas fraticidas entre miguelistas e constitucionaes.

Appellemos para a Junta de Parochia de Evora-Monte, para a Camara Municipal de Estremoz, para o Conselho dos Monumentos Nacionaes, para o Ministerio da Guerra, para todas as corporações e individuos que tem obrigação ou devoção de velar pelas cousas patrias. Que cada corporação ou individuo em particular e todos em geral se empenhem no sentido de obstar a que o castello seja de todo abandonado e destruido.

Seria para desejar que alguém em Evora-Monte secundasse os esforços que *O Meridional* vem empregando neste sentido. Vamos, mexa-se alguém, faça-se alguma cousa, que quem trabalhar para tal fim terá cumprido um dever. Velemos pela conservação do patrimonio historico que possuimos.

A proposito da Convenção, devo dizer-lhe, Sr. Redactor, que ainda existe a casa onde foi assinado esse documento celebre na nossa historia politica. Não seria patriotico adquirir para a parochia, para o municipio ou para o Estado, essa casa que, sendo como é e sempre foi, modesta, recordaria aos vindouros um facto de grande importancia nos fastos nacionaes? A minha consciencia de portuguez diz-me que sim.

Evora-Monte, 28 de Novembro de 1906.

UM FILHO DE EVORA-MONTE.

(*D-O Meridional*, de 2 de Dezembro de 1906).

A deusa Nabia

I

O Boletín de la Comisión prov. de mon. hist. y artist. de Orense, III, 23, correspondente ao n.º 49 de Março-Abril de 1906, traz a boa nova de se ter descoberto a lapide que contém a inscripção publicada incorrectamente no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2524.

No texto dado pelo *Corpus* a 1.^a linha da inscrição é: ABIA · FE·LAESVRR·FRO, dativo de um nome interpretado no *Index dos nomes dos deuses e deusas*, pp. 758 e 1126, como **Abiafelaesurraecus*, d'onde passou para as minhas *Religiões da Lusitania*, II, 341, na forma **Abia[e]felaesurraecus*.

No citado lugar do *Boletim* publica-se de novo a inscrição, em lição mais correcta, mas ainda assim não definitiva, pois no respectivo artigo, assinado pelo Sr. Vázquez Nuñez, lê-se: [N]ABIAE · ELAESVR·RANEC | SACRVM | [P]OSITVM CVRA VICCISLON[IS], ao passo que a estampa que o acompanha contém:

.. ABIAE ELAESVRRNEC
SACRVM
.. OSITVM CVRA VICCISLON

Estão muito bem restituídas as letras do começo da 1.^a e 3.^a linhas, mas com relação ás terminações das mesmas linhas devia o autor do artigo fazer algumas observações paleographicas, a fim de que as pessoas que não podem ver a inscrição ficassem habilitadas para a julgar.

Assim é preciso saber se a terminação da 1.^a linha póde ser ANEC ou AEC (nexo de ANE ou de AE). A antepenultima letra da 3.^a linha é L ou I prolongado? A ultima letra é realmente N? O mais provavel é que na 1.^a linha se leia ELAESVRRÆC, por ELAESVRRÆC(AE), dativo feminino de ELAESVRRÆCVS, nome certamente composto do thema de *Elaesus*, = *Elaes-us*, nome de homem que se lê em varias inscrições hispanicas¹, e de *Elaisicum* = *Elais-icum*, por *Elaes-icum*, nome ethnico (em genetivo do plural, segundo parece)² que se lê em inscrições de Paredes de Nava e de Traguntia (esta ultima, porém, mutilada)³; -*aecus* é suffixo muito conhecido, que tambem se encontra em *Gallaeus*. Quanto á ultima palavra da inscrição, ella é provavelmente VICCISLON[IS].

Em vista de tudo isto, o texto será: [N]abiae *Elaesurraec(ae) sacrum*. [P]ositum cura *Viccision[is]*. Isto é: «monumento consagrado á deusa *Nabia Elaesurraeca*, posto aqui pelo cuidado de *Viccisio*».

¹ *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2633, 2688 e 5034.

² Cfr. *Corp. Inscr. Lat.*, t. II, p. 1161, e *Relig. da Lusit.*, II, 250. — A desinencia -um do genetivo do plural corresponde á indo-germanica primitiva -*um*, conservada no lat. *deum* (por *deorum*), em grego -*ων*, etc.: vid. Brugmann, *Abrégé de gramm. comparée*, § 486.

³ *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5763 e 5034.

A deusa apparece-nos com um epitheto ethnico ou geographico terminado em *-aeca*, á semelhança de outras divindades lusitanicas, como *Lares Cerenaei*¹; cf. tambem *Bandioilienaico* (dat.) ou *Bandio Ilienaico*². A maior parte das vezes o epitheto ethnico ou geographico junta-se a um nome commum que significa «matres», «nympha», «lares», «deus», como o citado exemplo de *Lares Cerenaei* mostra, e de outros se póde tambem ver, taes como *Matres Gallaicae*, *Lares Erredici*, *Lares Turolici*, *Nymphae Lupianae*, *Deus Endovellicus*; mas tambem ha casos de, como aqui, o epitheto se juntar a um nome indigena, por ex. *Ataegina Turibrigensis*³.

Da extensão do culto de Nabia na Peninsula Hispanica me occupi nas *Religiões*, II, 277-281; cf. alem d'isso *O Arch. Port.*, X, 399-400. A inscripção publicada agora no *Boletim* contribue bellamente para o conhecimento d'este culto, provando-nos que a deusa era tambem adorada por um povo que parece se chamava *Elaesurraeci*, e que, a julgar da analyse do nome, talvez fosse parente do que na inscripção de Paredes de Nava se chama *Elaisici-Elaesici*⁴.

Propriamente não temos uma só deusa *Nabia*, mas mais de uma do mesmo nome⁵.

II

No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2602, publica-se uma inscripção encontrada na Galliza, em sitio indeterminado, na qual se lê: NAVIAE | SESMA | CAE.V | ANNIV. . | Refere-se, como se vê, á deusa *Navia*, que ahí recebe o epitheto de *Sesmaca*. Hübner, a p. 1621, transcreve o nome assim: *Navia *Sesmaca*, com um asterisco indicativo de que elle julga incerta a lição. Em verdade o nome termina em *-aca*, feminino de *-acus*, suffixo que se encontra noutros nomes divinos, por exemplo *Turiacus* e *Tongoenabiagus*⁶; por isso não vejo motivo para duvida (com quanto não fosse impossivel SESME | CAE, com o suff. *-acus*⁷, não temos provas certas d'isso).

¹ *Relig. da Lusit.*, II, 183.

² *Relig. da Lusit.*, II, 317.

³ *Relig. da Lusit.*, II, 146.

⁴ A incerteza em que estamos acêrca das antigas lingoas da Peninsula Iberica permittir-me-ha fazer aqui lembrado, por causa do *-urr-*, o povo dos *Seurri* (conhecido por varios textos), sem eu porém d'esta aproximação me atrever a tirar illações nenhuma.

⁵ Cfr. *Relig. da Lusit.*, II, 279-281.

⁶ *Religiões da Lusitania*, II, 239 e 324.

⁷ Cf. *Elaesurraeca*, fórma citada no cap. I, onde ha o suffixo *-acus* (quasi certo).

Ao preceder de um asterisco *Sesmaca*, não se lembrou Hübner, como Holder¹, de comparar essa palavra com SESM- que se lê noutra inscrição gallega, n.º 2601, de mais a mais precedido de O·, abreviatura de que fallo abaixo; a respectiva pedra está quebrada, mas parece-me que a inscrição se pôde restituir toda, como faço aqui:

NAVIA [E]
 ANCETOLV [S]
 3 ARI·EXS·O·
 SESM [aca]
 VOTVM
 6 POSSIT
 Q·E·C·I

Lin. 2. Vid. o que diz Hübner.

Lin. 3. *Ari* = *Arii*; vid. outro exemplo no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 6290 e n-*O Arch. Port.*, II, 134; e cfr. *Arrius*.

Lin. 4. No espaço que falta no fim cabia -ACA (ou ÆCA).

Lin. 6. *possit* é latim popular por *posuit*, cf. *Corp. Inscr. Lat.*, II, p. 1189.

Lin. 7. Vid. o que diz Hübner.

A abreviatura O encontra-se também numa inscrição de Trás-os-Montes publicada n-*O Arch. Port.*, II, 134-135, correspondente ao *Corp. Inscr. Lat.*, II, 6290: O NARELIA² Numa inscrição das Asturias acha-se igualmente: O·BERISO, publicada no *Corpus*³; Hübner appõe sem razão um asterisco dubitativo a O·, p. 1173. Não na forma O·, mas na forma >, temos a mesma abreviatura numa importantíssima lapide, de Trás-os-Montes, existente no Museu Ethnológico: EXS >·SERANTE, ainda inedita. Na forma 7 temo-la noutra inscrição asturiana: EX·7 (o resto está corrupto)⁴.

Que significam estas abreviaturas? Já Hübner pergunta no *Corpus*, p. 1174, se significam *gens* ou *centuria não militar*. Não me parece duvidoso que ellas tenham essa ou analoga significação, já pela natu-

¹ *Alt-celt. Sprachschatz*, s. v.

² A transcrição d'esta inscrição é: *Reburus Ari (filius) Seurus O Narelia*, an. lxxii. A palavra *Seurus* não está por *Severus*, como aventei ibidem, mas corresponde a *Seurrus*: vid. *Religiões*, II, 370.

³ N.º 5739.

⁴ *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2711.

reza dos nomes proprios que se lhes juntam (ethnicos ou geographicos), já porque 7 significa claramente *conventus* em EX 7 BRACAR (*augustano*)¹ e noutros exemplos².

III

Havendo eu dito nas *Religiões da Lusitania*, II, 279-281, que existiam diversas deusas com o nome de *Navia* ou *Nabia*, pois que este nome tinha ainda para o povo significação commum (como se viu do nomè dos rios, etc.), as observações feitas nos capitulos precedentes confirmam o que enunciei naquelle livro. De facto cada *Nabia* se apresenta com seu epitheto, conforme o povo ou tribu em que o culto se praticava: aqui *Nabia Elaesurraeca*, adorada pelos *Elaesurraeci*; alli *Navia Sesmaca* ou (*Sesmaeca*?), adorada pelos *Sesmaci* ou (*Sesmaeci*?).

O mesmo acontecia com outros deuses: por ex. *Juppiter Ladicus* entre os *Limici*³, e *Juppiter Candiedo* em um local gallego que não se sabe ao certo qual era⁴; embora *Juppiter* fosse originariamente deus unico, de character geral, os povos localizavam-no, como hoje se faz, com a Virgem Maria, que tem diferentes cultos, — *Senhora dos Remedios* em Lamego, *Senhora dos Martyres* em Castro-Marim, *Senhora da Abbadia* no Minho, *Senhora da Nazareth* na Extremadura, *Senhora do Naso* em Miranda do Douro —, e em cada um d'estes santuarios o povo a considera divindade local, mais benefica e milagrosa que em nenhum dos outros.

J. L. DE V.

Acquisições do Museu Ethnologico Português

Agosto de 1905

O Sr. **Pedro Ferreira** offereceu quarenta e tres moedas imperiaes romanas e uma iberica de Eviom, todas de bronze.

O Sr. **Joaquim Nunes da Cunha** offereceu um anel de ouro, antigo.

O Sr. **Bernardo Antonio de Sá**, Conductor de Obras Publicas em serviço no Museu, adquiriu oito machados de pedra do Mocifal (arredores de Collares).

O Sr. **Aires Gomes** offereceu uma chapa metallica, medieval, com uma cabeça de leão coroado.

¹ *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4257.

² *Corp. Inscr. Lat.*, p. 1174.

³ *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2525.

⁴ *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2598.